



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Discurso de agradecimento proferido, no
Palácio do Catete, por ocasião da entrega
de u'a Mensagem dos trabalhadores.

— 1.º de maio —

MEUS amigos: — É com satisfação que recebo a vossa Mensagem. Ela reforça a minha convicção de que, em momento difícil para a nossa terra, o Govêrno encontra, da parte dos trabalhadores, a compreensão e a ajuda sem as quais resultarão improfícuos os esforços que está coordenando em benefício do País. Dá-me, também, esta oportunidade de uma palestra em família, sôbre as obrigações que todos temos para com a nossa Pátria.

Inicialmente, fixemos o ponto de vista comum de que é o Brasil o objeto único dos nossos cuidados e da nossa lealdade. Os brasileiros jamais deixaram de cumprir os seus deveres de cooperação internacional, mas se reservam, agora, como sempre o fizeram no passado, decidir, êles mesmos, sôbre os seus destinos. Ainda não terminara a obra da fundação da nacionalidade e José Bonifácio já apontava rumos definitivos, em palavras que recordo para vossa meditação:

“O Brasil quer viver em paz e amizade com tôdas as outras nações; há de tratar igualmente bem a todos os estrangeiros, mas jamais consentirá que êles intervenham nos negócios internos do País. Se houver uma só nação que não queira sujeitar-se a esta condição, sentiremos muito, mas nem por isso nos haveremos de humilhar, nem submeter à sua vontade.”

Refiro-me, como já o percebestes, e convém deixar claro, àqueles poucos dentre nós que sofrem os efeitos da confusão de valores, característica do nosso tempo, e têm perturbada a apreciação dos fatos da vida cotidiana, sem conseguir discriminar os nossos dos interesses de outras potências. Não será preciso dizer-vos quão errados estarão os brasileiros em cujo espírito se esconda a menor reserva na lealdade que devem ao Brasil.

Por certo, estareis indagando a razão de tais ponderações neste Primeiro de Maio. É que os problemas internos estão hoje, como nunca, intimamente ligados às relações entre os povos.

Dependemos dos outros, como êles de nós. São muitas e poderosas as pressões que se cruzam por sobre os continentes. O que é preciso é não perdermos o nosso norte, para que o nosso julgamento e a nossa liberdade de dirigir os interesses da Nação não sofram com a falta de rumo dos que não pensam apenas como brasileiros. Não se trata unicamente de interesses materiais, pois, entre os países, existem relações que constituem, substancialmente, matéria política. Nesse terreno, a primeira consideração, para cada um, é a da sua segurança. Ela influi nas nossas decisões e devemos admitir, lógicamente, que esteja na mente dos outros, quando tratam conosco. Dos nossos maiores, recebemos um país uno e independente: é propósito inalterável do nosso povo que assim continue. Os deveres que temos, a êsse respeito, longe de incompatíveis com os compromissos assumidos na defesa continental, têm nesta um elemento para sua realização. O presidente Roosevelt recordou, certa vez, que para ter amigos é preciso ser um dêles. O Brasil pretende manter-se fiel às suas amizades, ditadas pelos laços da geografia, da comunidade de cultura e do intercâmbio

econômico. Contudo, para que o Governô possa, em quaisquer circunstâncias, bem cuidar da nossa segurança e dos nossos interêsses, precisa ter a apoiá-lo, não um país do qual se tenha eliminado, artificialmente, tôda razoável divergência de opinião, mas um povo que, na hora de decidir questões que afetem o seu destino, encontre o terreno comum de indivisível fidelidade à Pátria. Êsse, o ponto de partida; essa, a base em que deve repousar todo entendimento entre os brasileiros. Não podemos, pois, transigir quando estiver em causa a lealdade para com o Brasil. Digo-o com essa franqueza, porque parece chegado o momento de atacar problemas fundamentais, sem preocupações outras e com a certeza da cooperação que a Nação reclama, sem reservas nem reticências, de todos os seus filhos.

Aqui viestes para hipotecar essa cooperação. Deixai, portanto, que sôbre ela vos fale. Também, neste particular, não me dispensarei de ser franco e sincero, pois não me parece que, a esta altura da nossa vida, algo possa ser obtido pela lisonja aos trabalhadores, ou pela repetição dos lugares comuns do elogio mútuo. As classes trabalhadoras vêm tendo crescente participação na vida pública do Brasil. A Nação só terá a se beneficiar com êsse fato, revelador do caminho já percorrido e do que ainda nos falta vencer na realização, entre nós, da Justiça Social.

Quando candidato, tomei o compromisso de empenhar-me nesse sentido, como de concorrer para a reposição do País na ordem legal. Não faltaram vozes que vos procurassem convencer de que seria de outra maneira, de que as leis e órgãos que velam pelos vossos direitos seriam revogadas e destruídos. Já vistes que assim não foi, e se mais o Governô não tem feito, é porque o vosso bem-estar, como o de tôda a Nação, depende das condições gerais, para cuja mo-

dificação se faz necessário, primeiramente, dominar a crise em que o País havia mergulhado, quando tive a honra de vir presidi-lo. Para vencer os tropeços da hora — declarei em minha Mensagem ao Congresso Nacional — precisamos de ordem, ordem material e ordem nos espíritos. Também adverti, naquela oportunidade, de que em nada concorria, para a mútua confiança entre governantes e governados, a sugestão de que aquêles pretendem conduzir-se diferentemente do que preceituam os mandamentos constitucionais; ou, para ser mais preciso, não se serve à tranqüilidade do País com rumores de golpes na Constituição, veiculados no anonimato das ruas, ou em declarações tão perversas quanto irresponsáveis.

Façamos funcionar normalmente as instituições consagradas na Lei Magna, e nos dediquemos, afincadamente, ao trabalho, sem desgastar energias em recriminações e suspeitas. Não é possível aumentar a produção, se diminui o rendimento do labor individual. Aí tocamos em uma das questões de maior relevância para o nosso futuro: a do sentimento de responsabilidade do trabalhador para com o seu trabalho. O aumento da produção, em todos os ramos da economia, é condição essencial à superação da crise que nos aflige. De vós, êle reclama, como a vossa Mensagem reconhece, crescente esforço, que deve encontrar correspondência nas demais classes sociais, em particular entre os empregadores. Do espírito de iniciativa que êstes revelem, da sua capacidade de administrar e de promover o aperfeiçoamento técnico das emprêsas, da integridade no trato dos negócios, de autodisciplina que elimine a especulação e os especuladores, depende boa parte do restabelecimento que procuramos. As relações entre empregadores e empregados, por sua vez, devem manter-se no terreno da colaboração

recíproca, em prol da expansão e do aperfeiçoamento da economia nacional, para que assim possamos elevar o nível de vida da nossa gente. Entre vós, estão se formando guias, cujo surgimento cumpre ao Estado estimular mediante um sistema de educação pública que, sempre em maiores proporções, a todos ofereça oportunidades iguais. Uma liderança responsável entre os trabalhadores, fiel ao Brasil e respeitadora das leis e do processo democrático, é indispensável à paz social e ao nosso fortalecimento interno e externo, bem como à posição que de justiça vos cabe na sociedade.

Comemoramos, em pleno regime legal, êste Primeiro de Maio. Outros três haveremos de comemorar, prestando de público o testemunho de que nos movem os mesmos sentimentos e visamos aos mesmos objetivos. Quisera, nesta oportunidade em que agradeço a vossa Mensagem, apertar a mão dos milhões de trabalhadores das cidades e dos campos, para reafirmar-lhes a minha confiança no seu patriotismo, pedindo a Deus pela saúde e bem-estar de cada um e de suas famílias, e exortando a todos, para que, juntos, tenhamos sempre o pensamento e a ação voltados para a grandeza do Brasil.